

Trabalhar mais anos e esperar menos pensão

Atrasar a idade de reforma e estender os planos de pensões privados é fundamental para garantir que os trabalhadores do futuro possam ter uma pensão digna, diz a OCDE no seu relatório recém-publicado “Pensions Outlook 2012”.

Tendo em conta o aumento da esperança de vida, os governos deverão aumentar gradualmente a idade de reforma para que os seus sistemas de pensões sejam financeiramente viáveis. O relatório da OCDE observa que as reformas introduzidas na última década farão reduzir entre 20% e 25% as prestações que, no futuro, os sistemas públicos de pensões proporcionarão. As gerações que começam agora a trabalhar, podem esperar, depois de uma carreira laboral completa, uma pensão pública equivalente a 50% dos seus rendimentos líquidos.

O primeiro tipo de reformas que a OCDE apoia nos sistemas de pensões é o aumento da idade de reforma, mudança que já está em curso em diversos países. Atualmente, a idade legal mais comum para a reforma são os 65 anos, embora a idade efetiva seja inferior. No futuro, o normal será 67 anos ou mais. 13 países estão a aumentar a idade de reforma para esse nível. Em Espanha, segundo a alteração do anterior governo socialista, a idade de reforma subiu para os 67 anos, mas aplicar-se-á de um modo gradual durante 14 anos.

Todavia, segundo a OCDE, isso não bastará para assegurar as pensões. Outra medida complementar é estabelecer vínculos automáticos entre o nível da pensão, a esperança de vida e a evolução económica. A Dinamarca e a Itália estabeleceram mecanismos deste tipo.

O segundo tipo de reformas que a OCDE sugere, é estender os planos de pensões privados, como complemento de uma pensão pública que está destinada a ser reduzida.

Alguns países (Austrália, Chile) tornaram já obrigatória a contratação de algum destes planos privados. Noutros (Holanda, Dinamarca) são quase obrigatórios, através de acordos obtidos através da negociação coletiva. Na Nova Zelândia há uma inscrição automática nestes planos, embora seja dada a possibilidade de a pessoa se retirar do sistema.

Noutros países com pensões públicas relativamente baixas, os planos de pensões privados continuam a ser voluntários, e a taxa de cobertura da população não ultrapassa os 50%. Em Espanha, por exemplo, 22% das pessoas em idade de trabalhar têm um plano deste tipo.

Embora a OCDE recomende que as pensões públicas se complementem com planos privados, a rentabilidade que estes fundos têm vindo a obter deixa muito a desejar. A queda da Bolsa e dos mercados de dívida fez com que os fundos tenham baixado imenso os seus rendimentos. Concretamente, no período 2007-2011, a rentabilidade média em 21 países da OCDE foi de -1,6%; se se tiver em conta um período mais amplo, de 2001 a 2010, a rentabilidade foi de apenas +0,1%.

Na primeira década deste século, o país onde os fundos privados obtiveram maior rentabilidade foi o Chile (6%). Em Espanha, houve perdas de cerca de 1,5%. Também tiveram rendimentos negativos nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

(com autorização de www.aceprensa.pt)

Contra a barreira socioeconómica, mais tempo na aula

O periódico “Magisterio”, uma publicação especializada em temas educativos, incluiu um relatório elaborado pela OCDE onde se destaca que o tempo dedicado a cada cadeira na escola, seja de estudo pessoal ou de aula, é um elemento determinante. Não pretende ser uma receita infalível, mas sim recordar algumas ideias chave entre a profusão de teorias educativas, às vezes mais preocupadas com confrontos dialéticos do que em melhorar a educação.

O relatório “Against the Odds: Disadvantaged Students Who Succeed in School”, baseado nos resultados das últimas edições da prova PISA, destaca que uma significativa percentagem de alunos de meios socioeconómicos baixos obtém bons resultados, pelo que se realça a importância deste fator. Concretamente, uma média de quase 31% dos alunos desfavorecidos no seio da OCDE, situa-se pelo menos no quarto nível mais elevado de resultados no exame. São

aqueles a que o relatório chama *resilient students*: estudantes com a força suficiente para ultrapassar uma situação desfavorável.

A percentagem aumenta até 56% no caso da Coreia do Sul ou 45,6% no da Finlândia. Por exemplo, a Espanha situa-se acima da média com 36,16%. De acordo com a investigação da OCDE, a receita em quase todos os casos é muito parecida: mais tempo na aula e de estudo.

Quanto ao tempo na aula, o relatório recomenda que se implementem “diferentes formas de assegurar que os alunos desfavorecidos passem tempo suficiente a estudar na aula, por exemplo, através de aulas obrigatórias”. É o caso dos Estados Unidos, onde a obrigatoriedade das aulas de Ciências levou a uma melhoria geral de 15 pontos nesta parte da prova PISA. Entre os mais desfavorecidos, o aumento é de quase 40 pontos.

Os *resilient students* estudam mais, mas também estão mais motivados e confiam mais nas suas capacidades. Por isso, a OCDE preconiza métodos de ensino “que fomentem a motivação e a autoconfiança dos alunos”. Uma terminologia psicologicista que muitas vezes desfoca ou substitui a educação do carácter. Como se pode ler no “Magisterio”, os programas de tutoria “demonstraram ser especialmente benéficos” neste aspeto.

(Fonte: “Magisterio”)

“A família que funciona, poupa dinheiro ao Estado”

Benigno Blanco – presidente do Foro Español de la Familia – faz notar numa entrevista com Laura Peraita no suplemento “ABC Familia”, os modos como o Estado pode contribuir para o fortalecimento familiar.

Apesar do aumento das taxas de divórcio em Espanha, Benigno Blanco defende que a aspiração da imensa maioria da população a formar uma família continua atual. “Para lá dos debates ideológicos, em geral, toda a gente quer ter uma família. Fã-lo-ão melhor ou pior, mas faz parte do horizonte mais próximo de todos. O grande problema é que o número dos que fracassam na tentativa é elevado e preocupante”.

Muitos fatores influíram em propiciar este fracasso. Entre outros, Blanco destaca a banalização da instituição matrimonial – que levou, na prática, a que quase não haja diferenciação entre o casamento e as uniões de facto –, da sexualidade ou da educação.

Por isso, Blanco considera que o fortalecimento da família exige um trabalho pedagógico de fundo, que esteja acima das questões políticas: “Preocupa-me, não tanto o número de cidadãos que vive em família nem o que tenta fazê-lo bem, mas como recuperar os fundamentos morais e intelectuais, que, no fundo, é onde encontramos a convicção de que fazer uma família é possível e fonte de uma grande felicidade”.

Benigno Blanco combina esta visão de fundo sobre a família com outra mais pragmática: “Como a economia é constituída pelas pessoas, todo aquele que constitui uma família, está a contribuir para fazer crescer a economia ao mesmo tempo. Hoje, as políticas de dependência, por exemplo, são o reconhecimento de que há pessoas idosas e doentes que não têm quem trate delas. Antes fazia-o a família espontaneamente; hoje, ou porque temos menos filhos, se rompem os casamentos ou não se teve filhos, de repente surgem pessoas na sociedade que não têm quem trate delas, sendo aí que intervém o Estado. Isto é, a família que funciona, está a retirar gastos ao Estado”.

“Deste ponto de vista, compensa investir na família para não se ter de investir nela depois, quando fracassou. O fracasso da família é muito caro em termos de felicidade pessoal, mas também de políticas públicas. O divórcio é a maior causa de pobreza feminina na UE. Obriga a adotar políticas assistenciais. O mesmo acontece quando uma pessoa não tem quem a acolha. É um grande custo. Mas, se a família funciona, está a ajudar a uma poupança de gastos públicos e, por isso, é razoável que os orçamentos públicos ajudem as famílias a redistribuir esses custos também económicos”.

Benigno Blanco completa o seu diagnóstico sobre a situação da família em Espanha, propondo quatro medidas urgentes que resumimos aqui. A estas haveria que acrescentar as “50 medidas de política familiar” atualizadas pelo Foro.

1. Recuperar o apreço da legislação estatal pela instituição matrimonial, desvirtuada pelas leis que aprovaram o chamado “casamento homossexual” e o divórcio expresso.
2. Situar em primeiro plano o respeito e a proteção da vida, pois “uma sociedade que não valoriza a vida, não pode valorizar a família”.
3. Favorecer a liberdade e a responsabilidade educativas dos pais sobre os seus filhos.
4. Aumentar o gasto público destinado ao atendimento da família pois, embora seja verdade que se encontra num momento de crise económica, a Espanha é o país da UE que menos recursos destina a esta matéria.

(Fonte: “ABC Familia”)

Homens de Negócios

The company men

Realizador: John Wells

Atores: Ben Affleck, Chris Cooper

Música: Aaron Zigman

Duração: 104 min.

Ano: 2010

Um filme que devia ser obrigatório analisar em todas as escolas de negócios em tempos de crise. Vários executivos de topo de uma empresa são despedidos. Ganhavam bem, mas... a crise atingiu-os em cheio. Para piorar a questão, comprovam que o presidente está mais preocupado em construir a sumptuosa sede da empresa e manter a sua imagem, do que com os seus colaboradores...

O filme irá seguir o trajeto desses gestores desempregados. Um suicida-se desesperado. Outro tem vergonha de reconhecer o fracasso, depois de toda a vida ter colocado a sua realização pessoal apenas no nível profissional. Outro tenta aguentar-se com os lucros acumulados... No entanto, todos enfrentam um problema comum: como explicar à família e aos amigos o que aconteceu e como enfrentar esta nova situação?

O principal protagonista começa a dar-se conta que dera demasiada importância a aspetos que não são essenciais. Ouve os conselhos da mulher e vence a vergonha da derrota. Reencontra o equilíbrio familiar e emocional. Aceita um emprego de menor reconhecimento social. Dá um novo sentido à sua vida. Continua a lutar pelos seus ideais, embora com uma visão mais realista. Mas, não desiste de tentar retomar as funções para que se sente vocacionado. Estabelece contacto com as pessoas e fala com colegas, ajudando-os também no que pode. No final, será em conjunto com os outros que encontrará a solução...

Tópicos de análise:

1. A realização pessoal é fruto do equilíbrio emocional a nível laboral e familiar.
2. Aceitar o fracasso liberta do passado e abre o caminho para a solução.
3. Menos é mais: descobrir o essencial torna a meta mais clara e acessível.
4. Reforçar e promover os contactos abre novos horizontes e decisões.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE

